

Resistência e criação: um triste divórcio

O capitalismo mundial integrado, em sua composição com a tecnociência, envolve uma profunda mudança das formas de existência humana. Se entendermos a política segundo o que propõe Jacques Rancière¹ como o exercício da polêmica acerca das configurações da vida em sociedade, seus novos recortes e as novas regras que as sustentam, e se entendermos a arte como o exercício de rastreamento das mutações de sensação em curso e sua presentificação – exercício que orienta a criação de novas configurações da existência –, é de se esperar que política, arte e suas interfaces estejam em crise. Pensar os novos problemas que aí se colocam e inventar estratégias para enfrentá-los encontra-se hoje na ordem do dia.

A tarefa, contudo, nada tem a ver com reconfiguração de esferas e renegociação de fronteiras. A própria ordem organizada em esferas com sua lógica identitária encontra-se inteiramente desestabilizada, para não dizer irreversivelmente obsoleta. Um ambiente propício para que política e arte revelem-se em sua condição de potências da vida humana – potências de resistência e de invenção, respectivamente. O capitalismo precipitou esta revelação ao libertar a força de criação do gueto da arte como esfera autônoma, e não só mobilizá-la por todo o corpo social, mas festejá-la e fazer dela sua principal fonte de valor.

No entanto, se é bem vinda a derrubada dos muros que confinavam a força de invenção, e mais bem vinda ainda sua celebração, que a liberta da maldição a que estava destinada, por outro lado a disseminação do exercício desta força vem acompanhada de uma dissociação na subjetividade em relação às sensações que a convocam. Isto tem graves implicações para a vida humana: se um bloco de sensações é a presença viva, no corpo, das forças da alteridade do mundo que pedem passagem e levam à falência as formas de existência vigentes, o acesso às sensações é indispensável para que se invente formas através das quais a vida possa continuar fluindo. Do lado da potência de criação, é esse acesso que indica o rumo do que deverá ser criado para dar consistência ao processo de

¹ In, « Estética y política. Un vínculo para replantear » (Estética e política. Uma relação a ser repensada) . Seminário inédito de Jacques Rancière, organizado pelo Museu d'Art Contemporani de Barcelona - MACBA (Barcelona, de 13 a 17 de maio de 2002).

emancipação. Do lado da potência de resistência, é também esse acesso o que indica por quais configurações de mundo se deve lutar. A obstrução desse acesso interrompe o processo e provoca um divórcio entre as potências de criação e de resistência. Estas passam a ter um destino cego em relação ao objetivo para o qual são convocadas: a preservação da vida. O efeito é que o exercício de tais potências, ao invés de promover a expansão da vida, a coloca em risco.

O destino da potência de criação dissociada do acesso às sensações e separada do afeto político é formar um manancial de força de trabalho de invenção livre – a liberdade, aqui, consiste em que tal potência esteja inteiramente disponível para ser instrumentalizada pelo mercado, ou seja, para ser explorada pelo capital, seu cafetão, que dela irá extrair mais valia, sem que a isto se oponha qualquer resistência.

Quanto ao destino da potência de resistência, sua dissociação das sensações a impede de reconhecer aquilo que a convoca: a crueldade inerente à vida que destrói formas de existência a cada vez que isso se faz necessário. Assim, não tendo como situar a causa do mal-estar, a subjetividade é tomada pelo medo e o desamparo e, para aliviar-se, projeta no outro a crueldade da vida e a confunde com maldade. A força de resistência é então capturada pela forma dialética, e passa a exercer-se como luta entre opostos: cada um reivindica para si o poder do bem e fixa o outro no lugar do mal, contra o qual deverá ser investida a força de resistência. Neste tipo de exercício da política, que se transforma em luta entre o bem e o mal, seja qual for o lado vencedor, o resultado é um só: quem vence é a força do conservadorismo, fruto do temor à crueldade; quem perde é a vida cujo fluxo fica travado, quando ela não é concreta e irreversivelmente interrompida pelo extermínio, em nome de uma configuração de mundo tomada como a verdade, configuração que, por supô-la verdadeira, se quer conservar. É o mundo do consenso – mundo fusional sem alteridade, sem resistência, sem criação: em suma, sem vida – cuja forma paroxística é o totalitarismo, seja ele de Estado ou de Mercado.

Que estratégias de subjetivação estariam nos “curando” destas duas nefastas dissociações: de um lado, entre a força de resistência e a força de criação e, de outro, entre estas forças e as sensações que as convocam? Que problemas esta dupla dissociação estaria colocando para as práticas artísticas e políticas? Que estratégias estariam enfrentando estes problemas? Com que eficácia? E, mais amplamente como estariam ou não se

reaproximando o afeto político e o afeto artístico em diferentes práticas sociais? Por fim, que outras questões estariam se colocando hoje na arte, na política e em suas interfaces?

Encontrar direções de resposta para estas perguntas é tarefa que não pode ser realizada apenas individualmente. Um tal trabalho depende da acumulação de experimentações infinitesimais por toda a trama do tecido da vida coletiva. Participar deste trabalho é a intenção do presente número de Zehar.

Suely Rolnik

30 de maio de 2003